



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Feminismos e Serviço Social

CONSTRUINDO SOLIDARIEDADE:

**A CONTRIBUIÇÃO DE BELL HOOKS E AUDRE LORDE PARA OS COLETIVOS DE MULHERES
NEGRAS, NO CONTEXTO DO FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO**

THAIS DOS SANTOS MIRANDA ¹

RESUMO

O artigo apresentado tem como objetivo contribuir com reflexões teóricas para fortalecer coletivos de mulheres negras, destacando o papel do feminismo negro na compreensão das relações sociais e raciais. Baseado em uma pesquisa bibliográfica e discussões acadêmicas, o artigo reflete sobre autorrecuperação e conexão comunitária, enfatizando o impacto da comunicação na força compartilhada entre elas

Palavras-chave: Ancestralidade, Feminismo negro brasileiro
Mulheres negras, Resistência.

ABSTRACT

The article presented aims to contribute with theoretical reflections to strengthen black women's collectives, highlighting the role of black feminism in understanding social and racial relations. Based on literature research and scholarly discussions, the article reflects on self-recovery and community connection, emphasizing the impact of communication on the shared strength between them

Key-words: Ancestry, Black Brazilian feminism, Black women,
Resistance.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

1. INTRODUÇÃO

Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo
(Provérbio africano)

As motivações para elaboração deste artigo partem dos espaços que venho construindo desde a infância, dos anseios em encontrar um lugar onde pudesse permanecer sem desconforto constante. Esses espaços, que chamo de nascentes de vida, renascem a cada novo ciclo da minha existência. Eles são alimentados pelos afetos recebidos de minha mãe ao trançar meus cabelos, separar minhas roupas para mais um turno escolar e compartilhar suas vivências sobre sua trajetória de vida e resistência. As visitas recorrentes à casa de minha avó também são fundamentais para essas fontes. Sempre que adentrávamos sua casa, éramos recebidas com seus cantos enquanto preparava a comida ou xaropes caseiros para curar qualquer dorzinha.

A comunhão das mulheres negras da minha família, que se organizavam na preparação dos alimentos para comemorações festivas, onde o livre acesso ao sorriso e à expressão eram permitidos, também são momentos preciosos. As conversas após o almoço, regadas de memórias ancestrais, luta, resistência e muito amor, tornam-se fortalecedores para os enfrentamentos do cotidiano, seja nas questões de opressão de gênero, raça e classe.

As experiências, que hooks (2023, p.26) descreve como "significado para a vida", referem-se à permanência da comunhão e à comunicação nas relações familiares construídas ao longo da vida, e que serão as nascentes que podem fortalecer para os desafios diários, seja na busca por uma qualificação profissional, inserção no mercado de trabalho entre outros.

Da mesma forma, Evaristo (2020, p. 220) afirma que a literatura negra "é a senha pela qual eu acesso o mundo", no contexto das relações sociais. As narrativas das escritoras negras entrecruzam nossos corpos, mentes e espíritos, concretamente nos possibilitando buscar outras sociabilidades que se opõem à naturalização do racismo como fator intrínseco à sociedade e no enfrentamento às lutas de classe. Elas também tornam possível a descoberta detalhada das violências que ocorrem sob o véu das contradições entre capital e trabalho, além de refletir sobre possibilidades de pensarmos estratégias para existir.

¹ bell hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins, nasceu em Hopkinsville, ao sul dos EUA, em 25 de setembro de 1952.

O ensaio "Olho no Olho: Mulheres Negras, Ódio e Raiva", de ²Audre Lorde (2019), nos permite refletir sobre os mecanismos racistas que dificultam a comunicação, o afeto, o reconhecimento e a valorização entre as mulheres negras. Muitas vezes, esses mecanismos transformam as mulheres negras em rivais, impedindo a comunhão entre elas. Isso resulta na falta de fluidez dentro dos coletivos, distorcendo a identificação com as pautas raciais.

Neste sentido, abordaremos as contribuições de Audre Lorde e bell hooks para o Coletivo de Mulheres Negras, no contexto do Feminismo Negro Brasileiro, analisando as estratégias desenvolvidas pelo grupo de apoio "Irmãs do Inhamé", criado por hooks junto às mulheres negras, que descreviam os sentimentos de dor que sofriam por causa de seus parceiros. Ao lerem obras de escritoras mencionadas nas aulas de hooks, essas mulheres iam até sua sala para falar sobre suas experiências. hooks percebeu a necessidade de construir coletivamente com essas mulheres um grupo de apoio para fortalecer umas às outras e criar maneiras coletivas de enfrentamento e resistência frente ao racismo e à opressão de gênero.

O objetivo era auxiliar as mulheres a permanecerem firmes nos espaços que ocupavam e desejavam ocupar. Considerando que a representatividade da presença negra em espaços visivelmente embranquecidos, seja em posições de liderança ou outros cargos, torna-se importante para que outras mulheres negras se inspirem a alcançar esses espaços e entendam isso como uma forma de resistência. Também abordaremos a construção do movimento feminista negro no contexto da realidade brasileira, como um marco importante para as mulheres negras.

Este artigo será apresentado em dois momentos. No primeiro, discutiremos o diálogo entre as autoras, destacando suas perspectivas distintas sobre a comunhão e comunicação entre as mulheres. No segundo, contextualizaremos a criação do feminismo negro e sua expansão para o feminismo negro brasileiro, ressaltando a importância das contribuições das intelectuais afro-americanas para o conhecimento e perspectivas do movimento feminista. Encerraremos com as contribuições finais, pontuando que a auto-recuperação e a interconexão com a comunidade de mulheres negras partem dos saberes ancestrais, que desenvolveram estratégias para fortalecer os coletivos dessas mulheres.

2. DESENVOLVIMENTO

² Audre Lorde (1934-1992), também conhecida como Audrey Geraldine Lorde, foi uma escritora, filósofa, poeta e ativista feminista interseccional mulherista e dos direitos civis, especialmente das mulheres lésbicas e negras. Sua obra poética abordou questões relacionadas ao racismo, sexismo e homofobia. Além disso, ela também lutou contra o sistema capitalista e defendeu os direitos das mulheres negras.

2.1 Escrevendo para Minha Irmã: Uma Jornada de Palavras

No dicionário em português, a palavra “irmãs” significa filhas dos mesmos pais ou apenas do pai ou da mãe. Em uma terceira acepção, refere-se a membros de uma irmandade, confraria ou comunidade religiosa. As pensadoras ³Bell hooks e Audre Lorde, trazem em seus escritos de forma distinta às conexões do significado da palavra “irmãs” para as mulheres negras, consideradas mais do que simples trocas de olhares e apertos de mãos; são as ramificações das suas ancestralidades. Embora não compartilhem o mesmo sangue, as conexões de alma e espírito são profundamente interligadas. Quando estão juntas, se emocionam com as partilhas de cada uma, pois, apesar das diferenças, há uma identificação que remete aos territórios que habitam, mesmo que sejam distintos. Como destaca Lorde "Temos muitas faces diferentes e não precisamos nos tornar idênticas para trabalharmos juntas" (2020, p.07).

Como o propósito de fortalecer e aproximar as mulheres negras umas das outras, o grupo de apoio "Irmãs do Inhamé" foi criado por hooks (2023). O contexto que motivou a criação deste grupo, foi a atuação de hooks como professora em uma das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos, onde lecionava sobre estudos afro-americanos e de mulheres. Enquanto ministrava suas aulas e promovia reflexões junto aos (as) jovens negros (as), percebeu a dificuldade dos alunos em desenvolver uma criticidade sobre assuntos da história e cultura negra. Além disso, muitos apresentavam sintomas de ansiedade e desânimo em suas vidas.

Certamente, os estudos de hooks sobre escritoras negras em sala de aula, levou suas alunas negras a procurá-la frequentemente após as aulas, a fim de compartilhar suas experiências e identificações com os romances mencionados em sala. Elas descreviam as violências que sofreram, mas que não sabiam nomear, e que impactavam diretamente sua saúde mental e autoestima.

É relevante observar que a escrita das mulheres negras em diversos gêneros literários trazem um olhar diferenciado sobre o cotidiano das famílias negras, através dos personagens vivenciados em contextos específicos, os quais ressoam com familiaridade aos leitores que as leem. Isso possibilita o desenvolvimento de pensamentos críticos sobre a realidade presente e possibilita pensar alternativas para resistir e existir.

³ O nome foi escolhido como homenagem à sua avó, Bell Blair Hooks, mãe de sua mãe. Ela escreve seu nome com letras minúsculas, pois foi uma maneira que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos e legado, e não de sua figura, evitando assim um personalismo, valorizando a coletividade.

Um indicador destacado por hooks (2023) é que, apesar das condições socioeconômicas favoráveis, as alunas enfrentavam fragilidade na saúde mental, semelhante à das jovens negras com menos recursos. Isso evidencia que a questão não se limita à economia, mas também possui uma dimensão racial. A sensação de não encontrar um espaço onde se sintam confortáveis e aceitos reflete o racismo institucional presente nos ambientes acadêmicos, perpetuando discriminações contra grupos historicamente marginalizados e promovendo uma visão distorcida das jovens através de estereótipos pejorativos.

Nas falas de hooks (2023, p.28), “Ao ouvir aquelas mulheres descrevendo seu sentimento de distanciamento e solidão, eu senti que um grupo de apoio era necessário e ajudei a organizá-lo”, a inspiração do nome para o grupo de apoio, parte da indagação de umas das ancestrais negras do romance de Toni Bambara “Os comedores de sal⁴” em que surgir a fala “O que está acontecendo com as filhas do inhame? Parece que elas não sabem tirar os poderes das profundezas como antes” (hooks, 2023, p.28). E a partir deste incentivo e das experiências ancestrais de cura das mulheres de sua família, hooks percebeu que esta nova geração, apesar de moderna e avançada, não reconhecia sua identidade.

A falta de acesso às obras de escritoras negras e aos saberes tradicionais africanos dificulta a conexão das jovens negras com sua realidade diária, limitando seu conhecimento às obras ocidentais. O símbolo adinkra africano, Sankofa enfatiza a importância de olhar para trás e recuperar o que foi esquecido. Relembrar os conhecimentos tradicionais e reconhecer o que foi perdido é essencial para visualizar e compartilhar o futuro que almejamos.

Para hooks (2023, p.28) “ O inhame é um símbolo de nossas conexões diaspóricas⁵”. De forma significativa, a autora explica que quando nos reunimos como coletivo, conseguimos identificar diversas estruturas de dominação que enfrentamos no dia a dia e, junto com nossas irmãs, encontrar meios de cura, e isto faz parte da nossa autorrecuperação, sendo um ato de resistência política.

A escritora Lorde (2019, p.138), investiga os mecanismos que distorcem nossa percepção de nossas irmãs, transformando-as em alvos primários para nossa ira, apesar de compartilharmos o mesmo propósito.

A proposta central de Lorde e hooks destaca a necessidade de nos agruparmos em coletivos, como no aquilombamento, para identificar como o racismo se manifesta no cotidiano

⁴ The Salt Eaters, o romance de Toni Bambara.

⁵ A representação do inhame para as comunidades negras, constitui-se como alimento fundamental para vida, nutrindo corpo e sendo utilizado como remédio para cura de forma medicinal (hooks, 2023, p.28)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

através dos saberes tradicionais e das contribuições acadêmicas das mulheres negras. Ao ouvirmos com afeto as histórias de nossas irmãs, no coletivo, podemos pensar em formas de resistência e evitar submissões às violências que enfrentamos. No entanto, é crucial reconhecer como validamos a escuta umas das outras. Apesar de estarmos juntas e nos ouvindo, muitas vezes é difícil compreender completamente as experiências das outras e ver sua dor sem projetar respostas que possam anular o afeto e a escuta.

Isso dialoga com Faustino (2013), que cita Frantz Fanon e discute como o processo de colonização do continente africano construiu a ideia de universalização ocidental. Aqui, o europeu é considerado a expressão universal do ser humano, enquanto os grupos não-ocidentais são categorizados como 'Outros'. A categoria 'Negro', imposta pelos europeus aos africanos e seus descendentes, reformulou suas identidades, desumanizando-os e tratando-os como meros objetos de trabalho. Para serem reconhecidos como seres humanos, frequentemente era exigido que anulassem seus referenciais culturais e se conformassem ao modelo ocidental.

Podemos notar que a materialização da ideia racista construída no processo de colonização torna-se tão presente e visível no cotidiano. Lorde (2019) apresenta, a partir de suas experiências de vida, *insights* sobre o ódio que testemunhou e experimentou, despejado com extrema crueldade tanto dentro de casa como fora. Ela declara que a percepção que os Estados Unidos tinham dela era como um muro, bloqueando sua expressão intelectual. Segundo ela, "Tive que examinar e derrubar essa barreira, pedaço por pedaço, dolorosamente, para usar minhas energias de modo pleno e criativo" (Lorde. 2019, p.139).

Lorde (2019) nos convida a refletir sobre a conexão de cuidado e solidariedade entre mulheres negras na diáspora, mantendo as tradições de suas tribos africanas mesmo em novos contextos geográficos e culturais. Essas mulheres organizam-se para preservar suas culturas, assegurando que não se percam ao longo das gerações.

Dessa forma, Lorde (2019) propõe a reflexão sobre a dificuldade das mulheres negras em se reconhecerem umas nas outras, sabendo que em cada uma há um elemento que lembra nossa irmã de sangue, de nossa mãe ou tia, remetendo ao conforto e à liberdade de entendermos como parte da família.

Porque vemos no rosto da outra o nosso próprio rosto, o rosto que nunca deixamos de querer. Porque sobrevivemos, e sobreviver gera o desejo por mais de si. Um rosto que nunca deixamos de querer, ao mesmo tempo que tentamos destruir. Por que não nos olhamos nos olhos? Esperamos encontrar traição ou reconhecimento no olhar da outra? (Lorde. 2019, p. 147)

Compreender o processo de encontrar o potencial e a criatividade entre os obstáculos causados pelos mecanismos racistas de discriminação que atingem de forma interseccional as mulheres negras, requer olhar para a organização dessas mulheres na diáspora. Isso remete às mulheres em nossas famílias, suas formas de sobrevivência e resistência nas lutas por conquistar seu espaço. Observar o movimento de outras mulheres serve como um fortalecimento para nosso próprio movimento de derrubar barreiras, encontrando apoio e força nas irmãs que compartilham a mesma jornada.

Refletir sobre como nos tratamos duramente umas às outras revela o julgamento enraizado no ódio que nos foi imposto desde o nascimento, desejando, na verdade, nossa destruição. Esse ódio distorce nossa capacidade de união. Como Lorde (2019, p.151) destaca: "Nos adaptamos, aprendemos a aceitá-lo e até a utilizá-lo, sem questionar. Mas a que custo! Para resistir às adversidades, nos tornamos como pedra, e agora nos ferimos no contato com nossas irmãs mais próximas".

Entender o julgamento como um mecanismo racista que nos obriga a aceitar o desprezo pela beleza negra e a considerar o modelo ocidental como universal e perfeito é crucial para compreender profundamente como isso afeta nossa comunicação e colaboração conjunta. Como Lorde (2019, p.149) expressa: "Aqui estamos, tentando olhar diretamente nos olhos umas das outras. Mesmo que nossas palavras soem cortantes como o fio da voz de uma mulher perdida, estamos falando".

Seguindo esta reflexão, vamos explorar, com base nas teorias de hooks e Lorde, estratégias para fortalecer os coletivos que integramos, buscando uma maior aproximação e comunhão entre nossas irmãs.

2.2 Contribuições de bell hooks e Audre Lorde para o Coletivo de Mulheres Negras

A Professora hooks (2023, p. 41) argumenta que "Fingir dói. Dói viver com mentiras. É hora das mulheres negras cuidarem dessa dor." Ela destaca que contar a verdade sobre nossas dores é essencial para a autorrecuperação. A cultura dominante perpetua estereótipos e mentiras sobre os não-brancos, distorcendo suas identidades e criando imagens dissociadas da realidade. Naturalizar essas mentiras nos meios de comunicação e nas relações sociais apenas reforça sua aceitação como verdadeiras.

Conforme discutido por hooks (2023), as estratégias de sobrevivência foram desenvolvidas pelas pessoas negras para resistir ao sistema colonial, garantindo sua própria sobrevivência e a de seus semelhantes. Repressão emocional diante de abusos físicos, tortura, trabalho excessivo e fome foi uma forma de se manterem vivos, pois expressar sentimentos poderia resultar em retaliação. Para hooks, essa prática de reprimir sentimentos como estratégia de sobrevivência persistiu na vida negra, especialmente após o fim da escravidão, sendo evidente nas experiências das mulheres negras que equilibravam cuidados com os filhos, a casa e o trabalho diário.

Para hooks (2023), o uso contínuo dessas estratégias de sobrevivência no cotidiano faz com que as pessoas não reconheçam automaticamente um espaço seguro como um coletivo, mas sim como um ambiente onde podem ser alvo de julgamentos racistas. Embora fingir estar bem possa parecer vantajoso inicialmente, isso acaba prejudicando nossa saúde mental ao ponto de direcionarmos nossa raiva e ódio para nossas irmãs na tentativa de aliviar nossa própria dor.

Nesta linha, hooks (2023, p. 37) argumenta que "nosso bem-estar mental depende de nossa capacidade de enfrentar a realidade. E só podemos enfrentar a realidade quando abandonamos a negação." Aceitar o processo de cura de forma coletiva é um ato de resistência. Reivindicar "o direito de expressar a verdade de nossa realidade de qualquer forma é um ato de resistência, nosso compromisso com a libertação" (hooks. 2023, p. 38). No entanto, hooks também observa como muitas mulheres negras estão alienadas às etiquetas sociais criadas por valores burgueses e, quando outra irmã tem a coragem de contar a verdade, são as primeiras a julgá-la e limitá-la, em vez de ouvi-la.

Muitas mulheres negras nos Estados Unidos carregam um coração partido. Elas vivem o seu dia a dia suportando muita dor, acabadas, mas ainda assim fingindo que está tudo sob controle em todas as áreas de sua vida. Fingir dói. Dói viver com mentiras. É chegado o tempo de as mulheres negras cuidarem dessa dor. (hooks. 2023, p. 41)

Considerar os coletivos como espaços seguros é crucial. Collins (2019) reflete sobre como esses grupos representam lugares que promovem o empoderamento das mulheres negras. Lorde enfatiza a importância de esses espaços serem locais que fomentem a conexão afetiva, a escuta empática, o acolhimento e a partilha entre elas.

2.3 Reflexões de Audre Lorde



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A filósofa Lorde (2019, p. 157) provoca ao iniciar seu diálogo com: "Agora é provável que surja uma voz dizendo que as mulheres negras sempre ajudaram umas às outras, não é mesmo?". Ela argumenta que o apoio mútuo, a troca de afetos e as memórias ancestrais são essenciais como um "inhome" contra a raiva e o auto-ódio infligidos pelas relações sociais. No entanto, o compartilhamento profundo entre nós ainda é um sonho não realizado, devido ao medo e à desconfiança que uma transfere para a outra.

Como mulheres negras, desperdiçamos nossas raivas com muita frequência, as enterramos, dissemos que eram de outra pessoa, as lançamos impetuosamente em oceanos de racismo e machismo dos quais nenhuma vibração ressoou, as jogamos na cara umas das outras e nos esquivamos para evitar o impacto (Lorde. 2019, p.158).

Lorde (2019) destaca que muitas vezes tornamos nossa raiva compatível com nosso cansaço, tentando não demonstrá-la abertamente. No entanto, lutamos para nomeá-la e enfrentá-la, com medo de sermos julgadas e rotuladas de maneiras que não desejamos. Como resultado, muitas vezes tentamos suavizá-la em situações onde não é necessário aprofundar, evitando assim expor nossa verdadeira raiva.

É difícil se manter de pé e enfrentar a rejeição e a agressão da branquitude, o ataque e o ódio baseados em gênero. É tão mais difícil encarar a rejeição das mulheres negras que podem estar vendo no meu rosto um rosto que elas não descartaram de seus espelhos, que veem nos meus olhos que a figura que elas passaram a temer pode ser a delas (Lorde. 2019, p.158).

Neste sentido, Lorde (2019) descreve, em suas observações cotidianas ao estar em espaços públicos com outras mulheres negras, pontos comuns na comunicação e comportamento compartilhado quando estão juntas no mesmo espaço. Ela denomina esses pontos comuns de "mitos de autoproteção". O primeiro é o da educação discreta e irônica; o segundo é ignorar o problema e aceitar a rejeição entre elas; o terceiro é a busca pela perfeição como única condição para aceitação. Estes mitos acabam por distanciar as mulheres negras umas das outras, tornando algumas alvo de agressividade e crueldade, ao invés de promover afetuosidade e compreensão mútua.

Lorde (2019) observa que os mecanismos criados por esses mitos são fortalecidos pelo colonizador, que usa uma linguagem neutralizadora e racista para deslegitimar a identidade e os sentimentos das mulheres negras, transformando a semelhança em um alvo perigoso.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Lorde destaca: "Nós nos recusamos a abrir mão das distâncias artificiais que nos separam, ou a explorar nossas verdadeiras diferenças em nome de uma troca criativa" (Lorde. 2019, p. 160). Isso implica discretamente em se tornar outra pessoa além de si mesma, influenciada pela raiva e pelo medo do julgamento velado entre elas, como uma opção de recuo aceitável. Especialmente quando "nos aproximamos cobertas de mitos, expectativas e estereótipos vindos de fora, definições que não são nossas" (Lorde. 2019, p. 160), acabamos considerando, como narrativas de vida..

Para a autora, tentar se comportar como se pertencesse ao grupo branco, sem se reconhecer como membro desse grupo, perpetua a autorrejeição. No final, será sempre vista apenas como uma mulher negra, mesmo quando acredita ter superado essa rejeição. Lorde (2019) ressalta a importância de as mulheres negras sentirem suas dores profundamente e nomearem seus sentimentos, pois há uma tendência natural de esconder o que dói e seguir em frente. Ela compara isso com as mulheres brancas, que geralmente separam um tempo para cuidar de sua saúde mental e, por isso, conseguem viver de maneira mais tranquila.

Lorde (2019) faz uma análise sobre a distinção entre dor e sofrimento: a dor é causada por um acontecimento que precisa ser nomeado e reconhecido, para que a experiência se transforme em força e ação. Já o sofrimento é o pesadelo de reviver uma dor que não foi investigada.

O que isso significa para as mulheres negras? Significa que eu afirmo meu valor quando me comprometo com a minha sobrevivência, tanto no meu ser quanto no ser de outras mulheres negras (...) Significa ser capaz de reconhecer meus sucessos e ser gentil comigo mesma, até quando erro (Lorde. 2019, p.163).

Com base nisso, começamos a ver nossas irmãs e a nós mesmas sem aprovação, rejeição ou recriminação, facilitando a escuta e a compreensão, tanto nos momentos difíceis quanto nos sucessos. Para Lorde (2019, p. 164), "devemos reconhecer e nutrir os aspectos criativos umas das outras, mesmo que nem sempre entendamos o que será criado". Valorizar a troca de afetos e a apreciação mútua entre nossas irmãs é crucial para construir diálogos significativos e aliviar narrativas dolorosas, fortalecendo nossa capacidade de desenvolver estratégias resilientes para promover a justiça social.

2.4 O Caminho do Feminismo Negro Brasileiro

É fundamental destacar que o feminismo negro brasileiro tem suas raízes nos passos das mulheres negras brasileiras, que iniciaram discussões sobre a representatividade e lutaram pelos direitos das mulheres negras nos espaços políticos. A canção da artista MC Tha⁶ saúda essas ancestrais, cuja trajetória permitiu que eu também pudesse contar essa história e dar continuidade a essa jornada neste artigo. Conforme Werneck (2010) afirma, "Nossos passos vêm de longe". Lembrar das primeiras mulheres negras que iniciaram essa revolução é de grande importância.

Para iniciar essa saudação, hooks (1981) destaca o momento crucial em que Sojourner Truth⁷ representou um marco na segunda conferência anual do movimento pelos direitos das mulheres em Akron, Ohio, em 1852. Diante de uma audiência de mulheres e homens brancos discutindo os direitos das mulheres, ela respondeu a um homem branco que se opunha à igualdade de direitos das mulheres com a pergunta: "Eu não sou uma mulher?" (hooks, 1981, p. 115). Esse questionamento provocou discussões sobre os direitos das mulheres, colocando a raça como um tema central nas relações sociais.

Neste sentido, hooks (1981, p. 115) observa que a provocação de Truth "pavimentou o caminho para a resistência, permitindo que outras mulheres negras com pensamento político expressassem suas visões". Esse momento foi crucial, pois contribuiu para o desenvolvimento de saberes orgânicos junto a outras intelectuais negras, promovendo discussões interseccionais em centros acadêmicos, coletivos e no movimento de mulheres negras.

Segundo hooks (2019), o feminismo moderno nos Estados Unidos, iniciado na segunda metade da década de 1960, falhou em representar verdadeiramente a maioria das mulheres, que enfrentavam pobreza, sexismo e racismo, com suas demandas frequentemente ignoradas, resultando no silenciamento de suas vozes. O movimento foi liderado por mulheres brancas, de classe média e alta, que buscavam libertar-se do trabalho doméstico, enquanto as mulheres negras continuavam a cuidar das tarefas domésticas, permitindo que as líderes brancas participassem das manifestações pelos direitos das mulheres.

Para Gonzalez (2020), a mulher negra hoje continua ocupando um papel semelhante ao período da escravidão, sendo frequentemente limitada ao trabalho doméstico e cuidado dos filhos

⁶"Abram os caminhos, Abram-se os caminhos(...) Cantar e dançar pra saudar, O tempo que virá, Que foi, que está" (Rito de Passá - MC Tha)

⁷Sojourner Truth (1797–1883), originalmente Isabella Baumfree, foi uma abolicionista afro-americana e defensora dos direitos das mulheres. Nascida em cativeiro em Swartekill, Nova York, adotou o nome Sojourner Truth em 1843. Seu discurso mais famoso, "Eu não sou uma mulher?", foi proferido na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio, em 1851 (Moura, Carlos Eugênio. Sojourner Truth. Geledés, 2009)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dos empregadores. Isso é explorado na obra "Solitária"⁸, que destaca como os espaços dentro da casa onde ela trabalha perpetuam o racismo.

Neste sentido, hooks (2019) observa que o feminismo das primeiras ondas por seu foco limitado nas experiências das mulheres brancas de classe privilegiada, apoiado na ideologia da supremacia branca. Este feminismo falhou ao não reconhecer e enfrentar as hierarquias raciais, negligenciando as interseções entre raça, classe, religião e orientação sexual nas experiências de opressão das mulheres.

Segundo hooks (2019), mulheres brancas de classe média centraram seus interesses no movimento feminista, considerando sua condição social como principal forma de opressão, sendo amplamente ouvidas. Em contraste, mulheres negras em situações similares enfrentaram menos valorização ao discutirem sua própria opressão, encontrando mais críticas do que apoio.

Para Almeida (2019), o racismo é um processo histórico e político decorrente da estrutura social que estabelece relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares centradas nos brancos. Essa estrutura gera condições sociais discriminatórias, tanto de forma direta quanto indireta, para os grupos racialmente discriminados de maneira sistemática.

Neste sentido, hooks (2019) discute o ponto de vista das mulheres negras como parte do grupo oprimido, enfrentando exploração e discriminação sexista, muitas vezes sem se identificar com o movimento feminista predominante. Ela critica a visão de que "as feministas brancas agem como se as mulheres negras só soubessem da existência da opressão sexista por intermédio delas" (hooks, 2019, p.35), argumentando que as mulheres negras têm suas próprias experiências de luta e sobrevivência, fortalecendo seus grupos familiares e comunidades de maneiras únicas.

As mulheres afro-americanas, desde Maria W. Stewart⁹ e Sojourner Truth, traçaram caminhos com base em seus conhecimentos independentes e em sua resistência, permitindo que outras feministas negras, intelectuais e escritoras pudessem continuar a luta para redefinir todas as formas de opressão e fortalecer o ativismo político das afro-americanas. Segundo Collins (2019, p.49) "recuperar as tradições intelectuais feministas negras é fundamental para essas iniciativas".

⁸ CRUZ, Eliana Alves. Solitária. São Paulo: Editora Malê, 2023.

⁹ Maria W. Stewart, uma intelectual negra pioneira em 1831 nos Estados Unidos, foi a primeira mulher a proferir discursos políticos e distribuir seus textos. Suas ideias prenunciaram temas que seriam adotados por feministas negras subsequentes. Stewart encorajou as afro-americanas a rejeitar imagens negativas de sua condição, enfatizando que as opressões de raça, gênero e classe eram fundamentais para a pobreza das mulheres negras (Hypeness, Vitor. Maria Stewart: primeira mulher a discursar nos EUA era uma feminista e abolicionista negra no século 19. Geledés, 2022).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para Carneiro (2020), o protagonismo do movimento de mulheres negras brasileiras tornou as reivindicações das mulheres mais representativas nas propostas de luta construídas pelo movimento negro. Esse protagonismo também recuperou o legado das feministas negras anteriores, destacando e valorizando aquelas que construíram e continuam a construir até hoje a luta por igualdade e justiça.

Apesar da pouca idade, acho que foi naquele momento que tomei consciência de que tinha que fazer alguma coisa, pelos meus mortos, por todos os mortos dos que estavam ali, por todos nós, que estávamos vivos como se não estivéssemos, porque as nossas vidas valiam o que o sinhô tinha pagado por elas, nada mais (Gonçalves. 2006, p. 103).

Esta pensamento nos permite refletir sobre as observações de Gonçalves (2006), a qual apresenta a personagem Kehinde, uma mulher negra que, aos oito anos, é sequestrada no Reino do Daomé (atual Benin) e trazida para ser escravizada na Ilha de Itaparica, na Bahia.

Kehinde, confrontada pela dura realidade do período colonial, é motivada a lutar pela própria sobrevivência após perder sua família durante a viagem da África ao Brasil em um navio negreiro. Ela testemunha diariamente a morte de seus irmãos e é vítima frequente de violência física e sexual pelo senhor de engenho.

Essa é a violência colonial que foi executada contra as mulheres negras e indígenas e que, posteriormente, com a miscigenação, construiu a identidade nacional brasileira, estruturada no mito da democracia racial que perdura até os dias atuais. Segundo Carneiro (2020) a violência sexual colonial foi o “cimento” de toda a estrutura de gênero e da raça vivificada em nossa sociedade.

O papel das mulheres negras na formação cultural brasileira foi historicamente moldado em um espaço de subjugação, frequentemente romantizado e estereotipado. Segundo González (1984, p.2), isso se manifesta na dupla imagem contemporânea da mulher negra como mulata e doméstica, além da figura da mãe preta, perpetuando-se desde o período colonial até os dias atuais com variações, mas sempre reafirmando o lugar social da mulher negra.

De acordo com Moreira (2017), as mulheres negras brasileiras estabeleceram um vínculo significativo com o movimento feminista a partir do 3º Encontro Feminista Latino-americano em Bertioga-SP, ocorrido em 1985. Esse evento marcou o início dos Encontros Nacionais, Estaduais e Seminários de Mulheres Negras nos anos seguintes, fundamentais para a formação dos primeiros coletivos de mulheres negras. A organização dessas mulheres tinha como objetivo construir coletivamente propostas sobre a importância da participação nos debates feministas,

especialmente durante o 3º Encontro Feminista Latino-americano. A partir desse momento, as mulheres negras afirmaram seu compromisso com o feminismo, apesar da resistência de algumas mulheres em aceitar essa identidade.

Segundo Moreira (2017) *apud* Werneck (1997), o nascimento da identidade do feminismo negro foi evidenciado por uma das principais lutas do movimento de mulheres negras, que se concentrou na construção dessa identidade feminista. Essas reivindicações ganharam destaque especialmente entre 1985 e 1995, culminando na participação significativa do movimento no 15º Encontro Nacional Feminista em Garanhuns (Pernambuco) em 1987. A presença das mulheres negras nesse encontro foi crucial para destacar a necessidade de incluir debates sobre relações raciais nas discussões gerais do movimento feminista, promovendo um diálogo sobre suas especificidades com os demais participantes.

A representação dos coletivos de mulheres negras nos espaços políticos é crucial para construir conhecimento e formular políticas públicas que atendam às necessidades da população negra, especialmente das mulheres.

Conforme Moreira (2017), o movimento de mulheres negras e o movimento feminista enfrentaram muitas tensões, devido a pautas divergentes sobre as prioridades das demandas das mulheres, tornando difícil a tomada de decisão. Apesar do movimento feminista tornar possível o acesso para todas as mulheres, nem todas tinham o mesmo acesso de qualidade. No entanto, "é o feminismo que vai dar sustentação político-prática para as organizações das mulheres negras" (Moreira, 2017, p.02), permitindo a construção de estudos sobre a mulher a partir do movimento feminista negro do Canadá, Inglaterra e Estados Unidos, que chega tardiamente ao Brasil.

A participação das mulheres negras no espaço político focava na representatividade, nas relações específicas com o movimento negro e na resistência ao feminismo predominante. Na década de 1980, as mulheres negras avançaram através dos coletivos políticos, como exemplificado no Rio de Janeiro por dois grupos significativos. O primeiro, o Coletivo Nizinga, estabelecido em 1983, era composto majoritariamente por mulheres negras de classe média e algumas em situação de maior vulnerabilidade. Suas ações centravam-se no debate sobre gênero e raça, influenciando eventos como o 2º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe (Moreira, 2017, *apud* Lemos, 1997). O segundo grupo, o Coletivo de Mulheres de Favela e Periferia - CEMUSP, trouxe à tona discussões não apenas sobre raça, mas também sobre classe (Moreira, 2017).

Na cidade de São Paulo, os coletivos de mulheres negras tinham uma grande movimentação no cenário político, atuando em instâncias do Estado, como o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, o Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista, o grupo de Mulheres Negras do Movimento Negro Unificado (MNU), a Comissão de Mulheres Negras do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo e o Programa da Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (Moreira, 2017).

Em 1985, aconteceu o 1º Encontro Estadual de Mulheres Negras, organizado pelo Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, além de outros seminários e encontros que contaram com a participação ativa dos coletivos nas articulações políticas (Moreira, 2017).

Em 1988, ocorreu o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras em Valença-RJ, com a participação massiva de militantes de vários estados brasileiros. Este encontro foi crucial para destacar a representação das mulheres negras na sociedade. Suas contribuições foram fundamentais para fortalecer politicamente as mulheres, promovendo a luta por igualdade e reconhecimento das especificidades das mulheres negras nas esferas sociais e políticas (Moreira, 2017).

Em 1991, Salvador sediou o 2º Encontro Nacional de Mulheres Negras, focado na organização, estratégias e perspectivas futuras. Este encontro reuniu uma vasta quantidade de mulheres de diferentes estados do Brasil, tendo como principal objetivo a construção de um Projeto Político Nacional para atender às demandas das mulheres negras. O evento adotou uma abordagem interseccional sobre a realidade dessas mulheres na sociedade brasileira, considerando as múltiplas dimensões de opressão e desigualdade que enfrentam (Moreira, 2017).

Os primeiros coletivos de mulheres negras desempenharam um papel crucial ao combater a opressão de gênero, a desigualdade racial e de classe, levando essas questões aos espaços políticos. Originadas em pequenos grupos, essas discussões foram marcadas pelo acolhimento e escuta atenta às novas participantes, além da colaboração com as que já estavam engajadas há mais tempo. O conforto e encorajamento proporcionados pelas mulheres que iniciaram esses movimentos, dentro do contexto já presente no movimento negro, servem de inspiração para fortalecer os coletivos atuais, que continuam a honrar o legado das pioneiras.

Conforme Carneiro (2020, p.03), "Enegrecer o movimento feminista brasileiro significa demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração das políticas públicas, como na saúde da população negra, na violência contra mulheres, na política demográfica, no mercado de trabalho e no acesso a serviços de assistência



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

social". Esse processo crítico reflete na construção e aplicação das políticas públicas para a população negra.

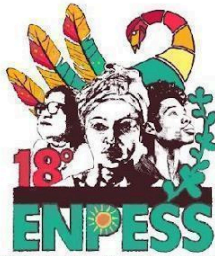
Compreender que nossa luta contra o racismo, sexismo, machismo e todas as formas de opressão que afetam as mulheres negras começa nos coletivos em que nos identificamos. É nesses grupos que discutimos as pautas que desejamos ver abordadas nos espaços políticos, com o objetivo de promover políticas públicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a autorrecuperação das mulheres negras e sua interconexão com a comunidade requer uma análise profunda da nossa comunicação nos coletivos. Autoras como hooks (2023) e Lorde (2019) enfatizam o cuidado mútuo e a exploração profunda da jornada de recuperação pessoal e coletiva. Elas propõem grupos de apoio que resgatem saberes ancestrais, fortalecendo o coletivo além da autoajuda. Reconhecemos a contribuição do feminismo negro brasileiro na luta pelos direitos das mulheres negras, refletindo sobre intelectuais afro-americanas e brasileiras cujo conhecimento enriquece nossa jornada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. 1. ed. Boitempo Editorial, 2019.
- CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Editora Malê, 2023.
- Evaristo, Conceição. **Escritoras brasileiras contemporâneas: Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2.ed. Paraíba, v. 05, n. 10, p 218-29. 2021. Disponível em: [vol-05-mulheres-no-mundo-final.pdf \(ufpb.br\)](#). Acesso em : 05 de junho
- Carneiro, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wpcontent/uploads/2021/04/CARNEIRO2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 2024
- Gonçalves, Ana Maria . **Um defeito de cor** – Edição especial. [s.l.] Editora Record, 2022.
- Gonzalez, L. (2019). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Zahar.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Gonzales, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

hooks, bell. **Irmãs do iname**. [s.l.] WMF Martins Fontes, 2023.

hooks, bell. **Teoria Feminista**. São Paulo: Perspectiva S/A, Editora, 2020

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher. Mulheres negras e feminismo** [s.l.] 1ª ed-1981, Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.

Lorde, Audre. **Irmã outsider: Ensaio e conferências**. 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Lorde, Audre. **Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos**. Editora Ubu, 2020

Moreira, Nubia Regina. **Representação e identidade no feminismo negro brasileiro. Sujeitos do Feminismo: Políticas e Teorias** ST. 06, 2017. Disponível em:

https://wwc2017.eventos.dype.com.br/fq7/artigos/N/Nubia_Regina_Moreira_06.pdf. Acesso em: 07 de junho de 2024.

Silva, S. N. (2019). **Racismo estrutural**. Editora Contexto.

Werneck, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e racismo**. *Revista da ABPN*, v.1, n.1- mar-jun, p 09- 17. 2010. Disponível bem: [Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo \(1\).pdf \(usp.br\)](#), acesso 15 de julho de 2024.